

A CIDADE DO RIO DE JANEIRO, A REVOLTA DA VACINA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA CRÔNICA DA IMPRENSA PERIÓDICA

Luciana Nascimento¹
Monique Gomes de Macedo²

Resumo

O alvorecer do século XX e a Belle Époque instauram no cenário sócio-político, a crença no progresso e na ciência e a campanha de vacinação obrigatória a cargo do médico sanitarista Oswaldo Cruz expressou em larga medida tal pensamento. Portanto, é na cidade urbanizada com seus salões que eclode a Revolta Vacina, motim popular contra a vacinação obrigatória, ocorrido no período de 10 a 16 de novembro, mas que seu bojo trazia além da recusa à vacina, reivindicações por melhores condições de trabalho e de vida. Utilizamos fontes primárias como *corpus* deste trabalho. Foram coletados no acervo da Fundação Biblioteca Nacional os periódicos “O Paiz”, “Gazeta de Notícias”, “Jornal do Commercio”, “O Malho” entre os anos de 1904 e 1905. Nosso critério de seleção foi a temática da Revolta da Vacina e seus desdobramentos e, por esse motivo, foram estudados os números dos periódicos correspondentes à data de eclosão do movimento e também números posteriores com o objetivo de coletar dados sobre os desdobramentos do motim, a saber: o degredo para o Acre de revoltosos e não revoltosos pertencentes às camadas mais populares. Foram estudadas as crônicas tendo em vista que a crônica como bem assinalou Antonio Candido (1992) é filha da máquina e do jornal e em larga medida captou os movimentos urbanos e tudo o que estava destinado a passar como um lampejo. Foi realizada uma pesquisa documental aliada a uma pesquisa bibliográfica com aporte de teóricos, tais como: Benjamin (1985); Berman (1986); Anderson (2008). De acordo com Alarcon (2005), o estudo dos jornais pode contribuir para ampliar a escrita da história literária, ao colocar em cena autores desconhecidos e ignorados pelo cânone. Como páginas do cotidiano, os jornais permitem ao pesquisador conhecer o contexto de produção e os entrelaçamentos entre literatura, sociedade e experiência urbana.

Palavras-chave: Belle Époque; Revolta da Vacina; periódicos.

Abstract

In the beginning of the twentieth century and the Belle Époque establish in the socio-political scene, the belief in progress and science and the mandatory vaccination campaign under the responsibility of the sanitary doctor Oswaldo Cruz expressed this thought to a large extent. Therefore, it is in the urbanized city with its salons that the Vaccine Uprising breaks out, a popular riot against mandatory vaccination, which occurred in the period from 10 to 16 November, but that its bulge brought in addition to the refusal to vaccinate, claims for better working conditions and of life. We use primary sources as the corpus of this work. The journals such and such (years) were collected in the collection of the National Library Foundation. Our selection criterion was the theme of the Vaccine Uprising and its consequences and, for this reason, the numbers of the periodicals corresponding to the date of the movement's outbreak and subsequent numbers were studied in order to collect data on the riot developments, the to know: the exile to the Acre of rebels and non-rebels belonging to the most popular strata. The chronicles were studied in view that the chronicle, as Antonio Candido (1992) well pointed out, is the daughter of the machine and of the newspaper and largely captured urban movements and everything that was destined to pass as a flash. A documentary research was carried out together with a bibliographic research with input from theorists, such as: Benjamin (1985); Berman (1986); Anderson (2008). According to Alarcon Vaz (2005), the study of newspapers can contribute to expand the writing of literary history, by introducing unknown and ignored authors in the canon. As daily pages, newspapers allow the researcher to know the context of production and the intertwining between literature, society and urban experience.

Key Words: Belle Époque, Revolt, Newspaper.

¹ Professora Associada 4. Faculdade de Letras da UFRJ. PIPGLA-Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Este trabalho contou com apoio do CNPq, através de concessão de financiamento com recursos do Edital Universal 2018.

² Acadêmica do curso de Letras/Português- Literaturas. Este trabalho é parte do desenvolvimento das atividades de pesquisa em Iniciação Científica realizada sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Nascimento. Este trabalho contou com o apoio do CNPq através de concessão de bolsa de Iniciação Científica dentro do Projeto Cartografias urbanas: Centros e margens, contemplado com recursos do Edital Universal 2018.

Introdução

A passagem do século XIX para o século XX se destacou no imaginário social como um período de grandes transformações econômicas e sociais, advindas de um progresso material que se apoiava nas conquistas da ciência, com reflexos no campo artístico-literário. Nesse sentido, novos personagens ingressaram na cena literária e ainda permanecem até hoje, a saber: os trabalhadores, a cidade e sua pobreza e as mulheres destituídas de elegância. Interessa-nos, aqui, estudar a representação da cidade como pano de fundo para a Revolta da Vacina ocorrida no Rio de Janeiro da Belle Époque, através das crônicas publicadas nos Jornais “O Paiz” (Mês de Novembro de 1904, 6 exemplares), “Gazeta de Notícias”, “Jornal do Comércio”, “O Malho” e “Correio Mercantil”

Trata-se de uma pesquisa de caráter documental, na hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional, aliada a um estudo bibliográfico. Para tanto, utilizaremos um referencial teórico acerca da modernidade, tendo como base os conceitos de Benjamim (1995) e Berman (1986). Utilizaremos também um referencial sobre a cidade moderna: Williams (1989); Nascimento (2011) e, também os estudos de Sá (2008) e Candido (1992) sobre o gênero crônica.

A partir da segunda metade do século XIX, quando ocorre uma intensificação nunca vista no processo de urbanização na Europa, a cidade enquanto “fenômeno urbano” passa a ser captada pela cena literária.

A cidade no período acima supracitado se destacou como fonte de ideias, de inovação, como vitrine. Mas também como palco de lutas. Nesse sentido, pode-se observar que pari passu aos salões e aos novos costumes “aburguesados”, a cidade tornou-se, também, um espaço para as revoltas populares, a exemplo das revoluções ocorridas na França, a partir de 1830, que eclodiriam em outras revoluções na Europa, e no mundo, no que tange aos efeitos das revoltas iniciadas nos grandes centros urbanos da época.

Na França, a partir de 1830, com a chegada ao poder do Luis Felipe de Orleans, conhecido como “o rei burguês” houve uma intensa disputa de interesses políticos e financeiros que tornaram Paris num palco de lutas e manifestos populares. Isso causou uma divisão entre apoiadores e opositores ao novo governo, o que deflagrou uma série de processos revolucionários que acabariam por expandir-se para além das fronteiras daquele país, como por exemplo, a “Primavera dos Povos” que ficou mundialmente conhecida e ganhou novos palcos de lutas, para além daquele país.

Também, no Brasil, a cidade moderna, como foi o caso do Rio de Janeiro, tornou-se um palco de lutas, contradições e revoltas. Durante a Revolta da Vacina, ocorrida em 1904, fez parte das revoltas populares ocorridas na cidade após as reformulações iniciadas na cidade, ainda em 1902, com o Rodrigues Alves na presidência, que pretendia através das reformas na cidade, reduzir o foco de epidemias que aqui ocorriam e acabaram por dar à cidade o apelido de “túmulo de estrangeiros” além de uma imagem negativa do ponto de vista turístico.

Na virada do século XIX/XX a cidade do Rio de Janeiro apresentava-se como uma cidade com grande deficiente sanitário, e ruas sujas. Naquela época, não havia sistema de esgotamento sanitário, e todo o esgoto era jogado diretamente no mar pelos escravos, sempre à noite. Os escravos que faziam esse serviço eram conhecidos como “tigres”.

O problema de saneamento básico gerava uma outra grave crise, a da propagação de diversas doenças como a peste bubônica, varíola, febre amarela, entre outras, que tinham a sua disseminação facilitada pela falta de saneamento e pela higiene precária, além do aumento populacional e das moradias em locais insalubres.

Os pontos de moradia insalubre se localizavam nas partes deterioradas do Centro da cidade, nos bairros da Saúde e Gamboa, mais especificamente. Havia ainda o crescimento desordenado das moradias populares nos morros da cidade em largo crescimento.

A superpopulação desses pontos ficou popularmente conhecida como “favela”, nome que se deu a partir de uma planta muito comum existente numa zona em que se fixaram moradias de veteranos da Guerra de Canudos, local que ficou conhecido como “Morro da Favela”.

A essa altura da crise da saúde pública no Rio de Janeiro, já circulava por outros países do mundo que a cidade era o “tumulo dos turistas” uma vez que um navio italiano aportado na cidade teve parte de sua tripulação morta pela febre amarela. Diante dessas condições, o Rio de Janeiro passou a ser evitado pelos navios, o que causou grande problema no mercado de exportações do qual dependia a economia do país.

Assim, o país viu-se diante do desafio de enfrentar as epidemias e promover ações que visassem melhorar a saúde pública e as condições de vida e habitação da população, bem como a busca por resgatar a confiança internacional afim de evitar uma derrocada econômica.

Algumas medidas emergenciais foram tomadas, a partir desse cenário, a mais polêmica dessas medidas se deu através dos projetos de saneamento e campanhas de vacinação, encabeçados por Oswaldo Cruz – médico e sanitarista que se dedicava aos estudos sobre epidemias. Àquela época era responsável pela direção do Instituto Soroterápico no Rio de Janeiro.

De acordo com Sevcenko, (1984) o projeto sanitarista aplicado na cidade veio como parte do projeto de adequação ao processo modernizador e nas transformações que com ele vieram. Nas palavras do autor:

A Revolta da Vacina, ocorrida num momento decisivo de transformação da sociedade brasileira, nos fornece uma visão particularmente esclarecedora de alguns elementos estruturais que preponderaram em nosso passado recente – repercutindo inclusive nos dias atuais. A constituição de uma sociedade predominantemente urbanizada e de forte teor burguês no início da fase republicana, resultado do enquadramento do Brasil nos termos da nova ordem econômica mundial instaurada pela Revolução Científico-Tecnológica (por volta de 1870), foi acompanhada de movimentos convulsivos e crises traumáticas, cuja solução convergiu insistentemente para um sacrifício crucial dos grupos populares. (SEVCENKO, 1984, p. 3-4)

O autor chama atenção para o “problema” maior acerca do processo de urbanização e crescimento das cidades, para as condições socioeconômicas em que se encontrava a grande maioria da população, não só da cidade do Rio de Janeiro, mas do país como um todo.

As mazelas sociais herdadas do período pré-colonial não eram apenas meros fantasmas de um passado latente, e sim reflexos de uma sociedade inteiramente voltada para o acúmulo de riquezas a qualquer custo. Nesse caso, o custo eram vidas de centenas de trabalhadores do país. O autor aponta em seu texto que não se pode contar as vítimas causadas pelas diversas insurreições levantadas no país, aqui salientamos apenas as ocorridas no Rio de Janeiro, em especial a Revolta da Vacina.

A Revolta da vacina e seus personagens

A transição entre os séculos XIX e XX é marcada pelo intenso processo de modernização que ocorrem em diversas metrópoles brasileiras. A cidade do Rio de Janeiro, em especial, passava por profundas transformações por ser considerada a porta de entrada do país, assim como ocorreu em Santos.

Em seu livro intitulado **A Belle Époque Tropical** (1993), o historiador norte-americano Jeffrey Needell explorou e evidenciou todo o processo de transformação da cena urbana carioca, ao qual chamou de “processo de colonização cultural carioca” (NEEDEL, 1993). Para o autor durante esse período o que se viu no cenário social da cidade do Rio de Janeiro foi a reprodução de valores e hábitos eurocêntricos, em especial da Inglaterra e da França, sem qualquer valor de criticidade. A ideia que se passava, através do processo de urbanização, era a de que havia a necessidade de transformar a cidade numa “Paris dos trópicos”. O foco de sua análise está na configuração da “elite” carioca e no seu processo de apropriação da cultura europeia, e seus reflexos na vida social como um todo, além de apontar que tal apropriação servia, tão somente, aos interesses dessa camada mais privilegiada da sociedade.

O que o autor quer destacar com a sua colocação é que essa camada social que constituía a “elite” carioca no período da Belle Époque era

uma espécie de instituição intermediária entre as instituições formais, como clubes e escolas, e as domésticas como, por exemplo, a família ampliada. (...) Essa instituição estava vinculada a contextos históricos capazes de lançar uma nova luz sobre a elite da *belle époque*, não apenas a elite dos poderosos da República, mas a dos sucessores dos poderosos da Monarquia, nos termos da continuidade e da transformação. (NEEDEL, 1993, p. 110).

No caso do Rio de Janeiro houve, portanto, uma tentativa de transformar a cidade numa “Paris brasileira” com as reformas que se iniciaram pelos principais pontos da cidade com o intuito de adequar as ruas, portos e centros comerciais aos padrões europeus, em especial a cidade de Paris.

Sob o comando de Pereira Passos, que foi à Paris e voltou com um novo conceito de modernidade e de cidade, o Rio de Janeiro começa a ser transformado numa cidade turística. O objetivo era colocar a cidade na rota dos principais lugares visitados por turistas de todo o mundo e, através disso, conseguir melhorar o status econômico e social da cidade, e do país.

A cidade era a então capital do Brasil e para justificar tal posição, Pereira Passos adotou medidas enérgicas às obras na cidade. Esta se transformou num imenso canteiro de obras, tanto de saneamento, quanto de pavimentação e edificação. As transformações mais significativas puderam ser verificadas nas novas configurações do centro da cidade, bem como do entorno dos portos.

Esse processo de modernização encabeçado por Pereira Passos ficou conhecido na história como “bota abaixo”. O nome se deu pelo fato de ter se tratado de inúmeras obras que incluíam a demolição de construções coloniais para dar lugar a avenidas largas, como é o exemplo da construção da Avenida Rio Branco, que transformou a vida social e cultural dos moradores da cidade, conforme afirma Nascimento (2014):

O Rio de Janeiro como capital federal, deveria transformar-se numa “Europa possível” e, ao mesmo tempo, corporificar um modelo de nacionalidade como porta de entrada e cartão-postal do Brasil. A partir das mudanças nos padrões urbanísticos da urbe, ocorreram, também, transformações na vida social e cultural. (NASCIMENTO, 2014, p. 96).

Ao passo que a cidade se transformava em um ambiente moderno e luxuoso, por outro lado, emergiam lutas, revoltas e contradições. O “bota abaixo” de Pereira Passos, aliado a um projeto higienista e elitista, acabava por tornar cada vez mais díspar a situação entre as classes mais ricas e as camadas populares da sociedade. Através das demolições que transformaram a zona portuária e central da cidade, houve um aumento da migração de moradores para as áreas dos morros e subúrbio da cidade. Paralelo a esse movimento havia, ainda, o contraste entre o novo e o velho convivendo

praticamente no mesmo espaço. Havia uma cidade quase que subterrânea sendo “construída” para abrigar aqueles que não encontravam o seu lugar dentro da modernidade. Sendo assim, Needell (1993) destacou que

a *Belle Époque* carioca inicia-se com a subida de Campos Sales ao poder em 1898 e a recuperação da tranquilidade sob a égide das elites regionais. Neste ano registrou-se uma mudança sensível no clima político, que logo afetou o meio cultural e social. As jornadas revolucionárias haviam passado. As condições para a estabilidade e para uma vida urbana elegante estavam de novo ao alcance da mão [...]. (NEEDELL, 1993, p. 39)

Em consonância com a construção de uma nova, e moderna, cidade ocorreu a implantação das obras de saneamento básico, e o início das campanhas de vacinação. O objetivo era o de eliminar da cidade as epidemias que assolavam as áreas populares e os portos e, assim, conseguir melhorar a imagem do país no exterior.

Liderada por Oswaldo Cruz, a campanha de vacinação não foi bem recebida pela população, porque aliada a ela vieram as remoções e as desapropriações. Também a literatura se viu invadida por todas essas transformações, uma vez que a vida artística também foi afetada pelo processo de modernização que sucedeu após a Proclamação da República. De acordo com Broca (2004)

O período de reajustamento político-social, que sucedeu à proclamação da República, não era de molde a favorecer os hábitos mundanos. Mas no começo do século, a crescente valorização das letras e a espécie de aliança que elas então fizeram com o mundanismo contribuíram para que surgissem alguns salões de caráter acentuadamente literário (BROCA, 2004, p. 60).

A remodelação da cidade causou revolta na população, e dentre os diferentes processos que ocorreram dentro dessa remodelação, destaca-se o plano de saneamento básico implementado por Oswaldo Cruz, ainda que enfrentando a oposição da mídia. Com o objetivo de modernização, o saneamento que fez parte das obras que transformaram a cidade contribuiu para uma série de ações “higienistas” que ocorreram no entorno dos portos – então porta de entrada da cidade. Dentre essas ações, a mais significativa para o processo das revoltas foi o intenso processo de remoção, e demolição, de moradias populares que deixou centenas de pessoas desabrigadas. Esses desabrigados foram obrigados a migrar para os morros ou bairros mais distantes/periféricos da cidade. Esse processo também culminou no aumento do crescimento das favelas.

Para Sevencko as revoltas seriam uma espécie de reação imediata à nova práxis. Ainda de acordo com o autor, essas reações vinham de diversos setores da sociedade carioca. Acrescentou afirmando que as revoltas eram a representação do embate entre aqueles que eram a favor e os que eram contra o processo de modernização pelo qual a cidade passava. O autor assinalou ainda que um setor da sociedade teria se valido dessa insurreição para tentar legitimar um “golpe” ao governo em exercício àquela época:

O fator imediatamente deflagrador da Revolta da Vacina foi a publicação, no dia 9 de novembro de 1904, do plano de regulamentação da aplicação da vacina obrigatória contra a varíola. O projeto de lei que instituiu a obrigatoriedade da vacinação tinha sido apresentado cerca de quatro meses antes no Congresso, pelo senador alagoano Manuel José Duarte. Desde então se desencadeara um debate exaltado, que transpôs as dimensões do Legislativo, para empolgar com fervor as páginas da imprensa e a população da Capital Federal. (SEVENCKO, 1984, p. 6)

Nos principais jornais que circulavam à época dispararam-se textos sobre a “campanha” de vacinação, porém excluindo o que também estava dentro do novo projeto de saneamento da cidade: as remoções.

Chalhoub, por sua vez, aponta que o cerne da questão envolvendo as revoltas estaria nas relações sociais e suas transformações ao longo dos anos 70 daquele século. O autor evidencia o caráter de perseguição às moradias populares, seja por questão de saúde (tentativa de combater às epidemias) ou pela questão política, uma vez que os cortiços costumavam ser abrigo para defensores das causas abolicionistas e republicanas nos finais dos anos 1870:

O lado perverso e caótico, que, com o crescente aumento das populações, acarretava falta de moradia, problemas de abastecimento de água, falta de esgotos e a decorrente insalubridade. O aumento da pobreza e da miséria ameaçava a “paz social” da burguesia, que passou a ver os seguimentos sociais mais pobres como uma classe perigosa. (CHALHOUB, 1996 p. 8).

A Revolta da Vacina (1904) eclode exatamente num período em que a cidade passa por profundas transformações econômicas, políticas e sociais. A obrigatoriedade da vacinação não foi bem recebida pela população, já insatisfeita com outros movimentos que aconteciam pela cidade, como as remoções e demolições. A campanha de vacinação em massa pretendia debelar a epidemia de varíola que assolava a cidade, agora com o título de capital da república. Outras epidemias também eram frentes de campanha da saúde pública à época, como a febre amarela e a peste bubônica. Em nome dessa campanha ocorriam as demolições, dedetizações das casas a qualquer momento (sem avisos), desratização, entre outros. Sobre esse período, Nascimento (2012) assim assinala:

A medicina de viés higienista, junto com o poder público (municipal e federal), passa a prescrever normas de usos dos espaços públicos e privados, de comportamentos e de cuidados com o próprio corpo tornado objeto de controle por ser o receptáculo último das epidemias que grassavam na cidade e capital federal. (NASCIMENTO, 2012 p. 4).

Nascimento (2014) destaca a Revolta da Vacina como uma manifestação política, e aponta como reivindicação da revolta “a melhoria dos problemas urbanos” como “a rede de água, rede de águas, esgoto e, sobretudo, um ambiente em que não proliferassem doenças, ou seja, almejavam-se melhores condições de vida e de trabalho. Tal movimento e seus desdobramentos foram recorrentemente captados pelos jornais da época.” (NASCIMENTO, 2014 p. 97). A autora enfatiza que a aprovação da Lei da Vacina teria sido o estopim para a que a Revolta estourasse. De acordo com os textos publicados nos periódicos “O Paiz” e “Correio Mercantil”, entre outros, a obrigatoriedade da vacinação – vacinação compulsória teria causado a deflagração da revolta em 10 de novembro de 1904. Ressalta-se que o governo “dizia” que a obrigatoriedade da vacinação era “inegável e imprescindível para a saúde pública” (SEVENCKO, 1984, p. 6). Posteriormente é suspensa a obrigatoriedade da vacinação pelo próprio governo.

Ressalte-se aqui que a imprensa também teve papel importante para o cenário, pois acompanhara de perto toda a movimentação dos revoltosos e seus desdobramentos. Um dos efeitos mais comentados foi a série de deportações de pessoas para o norte do país, na Amazônia. Vale ressaltar, ainda, que teria sido a Crônica o principal meio de veiculação das notícias acerca da revolta e das deportações.

Jornais aliados ao governo trataram o assunto com certa parcimônia, defendendo que as atitudes do governo eram boas medidas na tentativa de “modernizar” a cidade e melhorá-la. Outros jornais buscavam mostrar os efeitos causados pela intensa transformação pela qual a cidade passava, e seus impactos na vida do cidadão carioca. Nesse sentido, as crônicas eram a representação real do contraste em que se encontravam aqueles que conviviam com as transformações pelas quais a cidade

passava, e atravessavam os seus moradores. Alguns jornais tratavam do tema com certo sarcasmo, através de *Charges*³ que mostravam em tom “cômico” o “castigo” daqueles que ousassem confrontar o governo.

Naquele período, a *topoi* central dos textos de diversos autores atualmente consagrados, como João do Rio e Machado de Assis eram as inovações tecnológicas e seus impactos na vida social. Havia uma clara sensação de nostalgia em diversas crônicas que abordavam as possibilidades futuras das inovações, sem deixar de pensar no que estava ficando para trás, nos escombros da modernidade.

Marshall Berman, em “Tudo que é sólido desmancha no ar”, assinala que a experiência da modernidade foi vivenciada mundialmente, tendo transformado o pensamento e introduzido um processo civilizatório que modificava profundamente os modos de vida e a sociabilidade, a que ele define como “um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje.” (BERMAN, 1986, p. 14). Para o autor, a modernidade nos coloca num lugar desafiador, um ambiente cheio de aventuras e autoconhecimento que, ao mesmo tempo, nos ameaça de perder tudo o que já temos/sabemos. Aqui o autor fala que todo processo transformador nos coloca diante dos escombros daquilo que está ficando no passado.

Diante dessa afirmação entende-se a motivação principal por trás das crônicas que tanto abordaram os efeitos da modernidade naquela época: os seus desdobramentos. Pois seria a modernidade a chance de evoluir e, simultaneamente, de perder-se daquilo que um dia foi a centralidade do ser.

Na cena jornalística: A Revolta da Vacina e seus desdobramentos

O crescimento desordenado de toda metrópole acarretou alguns problemas que podem se tornar crônicos, como a questão da saúde pública, saneamento básico e habitação na cidade do Rio de Janeiro.

A cidade do Rio de Janeiro passou por diversas modificações ao longo dos seus quase 500 anos de fundação, e muitas dessas transformações ocorreram com o intuito de modernizar a cidade e torná-la atraente aos turistas. Mas não só isso, as transformações na arquitetura e composição da cidade também cumpriam o papel de urbanizar, modernizar cidade tendo a Europa como matriz. A cidade, considerada uma das mais belas do mundo precisava ser moderna, precisava ser uma “vitrine” da elite do país.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, em especial no período chamado de “Belle Époque carioca” o preço da modernidade se deu através de incontáveis mortes, remoções, prisões e deportações. Como bem escreveu Sevencko (1984), “incontáveis foram as vidas perdidas em nome da modernidade”. O escritor destacou em seus estudos o que havia por trás do processo de modernização da cidade: o seu aspecto socialmente excludente. E, a partir disso, pontuou o as Revoltas que surgiram nesse processo como parte importante dos resultados da modernidade.

O autor disse em seu texto que o cerne da questão da modernização ocorrida no Rio de Janeiro no início dos anos 1900 foi a transformação a qualquer custo, ainda que o custo fossem vidas.

Nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, sob o comando de Pereira Passos, iniciou-se um imenso processo de urbanização do centro da cidade e as ruas transformaram-se num imenso canteiro de obras. A planta idealizada pelo então prefeito da

³ ilustração humorística que envolve a caricatura de um ou mais personagens, feita com o objetivo de satirizar algum acontecimento da atualidade.

cidade contemplava ruas mais largas, de acordo com os ditames da urbanística moderna. Além disso, nesse processo “civilizatório”, foram sendo introduzidos novos meios de locomoção, como os bondes e, também novos modos de vestir, pensar e agir, o que era veiculado pela imprensa.

Nascia na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro uma nova cidade, que carregava em seu interior “velhos” problemas. A cidade não tinha saneamento básico, muitos morriam acometidos com diversas doenças infectocontagiosas como a varíola. Esta foi o “estopim” para o governo iniciar, encabeçada por Oswaldo Cruz, uma campanha de vacinação em massa obrigatória.

Paralelo à campanha de vacinação, iniciou-se o processo de urbanização do centro da cidade e da zona portuária, que gerou uma série de remoções (exclusões), demolições, segregação e “apagamento” da população que ali mantinha residência. As regiões do entorno do porto precisavam ser “embelezadas” para os turistas, e para isso cortiços que abrigavam muitas famílias foram demolidos. Havia uma preocupação em “dar fim” à infestação de ratos na localidade, e usava-se isso como desculpa para desapropriar e demolir.

Toda a movimentação que acontecia pelas obras de urbanização encontrou o seu estopim nas “revoltas” contra a campanha de vacinação obrigatória. O discurso do governo era de que as pessoas estavam se rebelando contra a vacinação, quando na verdade se rebelavam contra as condições às quais eram submetidos. Sobre esse processo Nascimento (2015) escreveu que

Na ironia cortante das crônicas jornalísticas, a cidade harmônica e ideal do planejamento burguês é retratada como cenário de tensões sociais, trocas culturais e disputas, sendo o palco de grandes movimentos políticos e sociais. O “*bota abaixo*” resultou na total destruição de variadas propriedades, como casas comerciais e cortiços. As ordens de despejo criaram uma verdadeira febre de demolição que levou os cidadãos a protestos, diante do autoritarismo do governo. Situação semelhante à obrigatoriedade da vacina, as desapropriações eram embasadas num discurso cientificista, onde se tentava convencer os cidadãos de que suas casas estavam infectadas por bactérias. (NASCIMENTO, 2015, p. 6).

Todo esse cenário eclode tendo como pano de fundo a “Belle Époque” brasileira, que vinha como uma das promessas do avanço e das inovações tecnológicas para o país.

Embora os jornais enfatizassem que a Revolta constituía uma simples recusa da população à vacina, torna-se importante destacar que, na verdade, ela abarcava uma série de reivindicações para a “criação de redes de água e esgoto, e a presença de um ambiente em que não proliferassem doenças, ou seja, almejavam-se melhores condições de vida e trabalho.” (NASCIMENTO, 2015, p. 7)

Entendendo que a Belle Époque estava atrelada ao progresso e às transformações urbanas sociais e culturais, os jornais tratavam a Revolta como um processo que colocaria em xeque a modernização e por esse motivo, foi abordada como um movimento de “arruaça”, sendo fortemente reprimida. Alguns periódicos, como “O Malho” trazia charges, e textos, em que era possível notar o teor de “medo” encrustado no ideário popular acerca das consequências de participar do movimento contrário ao governo.

Tal deslegitimação acaba por colocar a população como inimiga do progresso, e portanto, passível de ser reprimida. A repressão era violenta, causando muitos mortos e feridos, além de desaparecidos e deportados. Sobre tal repercussão vemos o que retratavam dois periódicos cariocas.

O jornal **Gazeta de Notícias**, de 20 de novembro de 1904 trazia uma crônica escrita por Olavo Bilac que demonstrava o quão aterrorizante era para o trabalhador estar inserido naquele período de intensas lutas políticas. Se por um lado havia a luta legítima daqueles que viam seus direitos

e moradias sendo-lhes retirados, por outro havia a luta daqueles que acreditavam que aquela forma de vida e trabalho era o que impedia o país de se modernizar.

Os operários, tendo em vão tentado resistir às ameaças das feras, recolhiam à pressa as suas ferramentas: as enxadas, as picaretas, os martelos (...) Era o medo pânico do trabalho diante da calaçaria amotinada, era a fuga da civilização diante da barbárie vitoriosa. (...).

Tiros, gritaria, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lampiões quebrados à pedradas, destruição de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas: o povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitarista Oswaldo Cruz. (BILAC, Olavo. **Gazeta de notícias**, 1904. n. 325, p. 1).



Outra fonte importante da época, a Revista “Kosmos” tratou do assunto com um texto dedicado exclusivamente para falar das artes e da Revolta, intitulando essa última como um movimento de “desordeiros”. Destacamos o seguinte trecho:

No Rio de Janeiro, e em todo o Brasil, os analfabetos são legião. E não ha "povo, onde os analfabetos estão em maioria. Quem não sabe ler, não vê, não raciocina, não vive: não é homem, é um instrumento passivo e triste, que todos os espertos podem manejar sem receio. A revolta de agora não foi apenas obra dos desordeiros de profissão: foi também obra dos ignorantes, explorados criminosamente pelos astutos. E não sei bem para que servirá dar avenidas, arvores, jardins, palácios a esta cidade, —se não derem aos homens rudes os meios de saber o que é civilização, o que é hygiene, o que é dignidade humana. Dir-me-ão que, em todos os paizes da terra, ha rebelliões e motins. Haverá; mas não ha um só paiz civilisado em que a rebellião se manifeste com a grosseira brutalidade e a estúpida organização com que se manifestou aqui. Em primeiro

logar, os levantes militares só se vêem na América do Sul, onde, pela falta de educação cívica dos povos, a espada se transformou, de defesa de fronteiras em imposição de governo interno. E, pondo de parte o levante militar (que foi uma das fases apenas da revolta), — em nenhum outro país da Europa e da América os arruaceiros descarregariam a sua cólera sobre as árvores inofensivas... Eu, por mim, odeio todos os actos violentos e todas as manifestações da força bruta: mas, entre uma revolução sangrenta e feroz, e uma revolução apenas ignóbil e irracional, sempre preferiria a primeira. (BILAC, 1904, Kosmos, p. 3-4)

O trecho destacado demonstra o processo de deslegitimar a reivindicação popular, colocando-a somente como um caso de falta de ordem e desrespeito. Embora se destacasse nos jornais a importância das reformas na cidade, o processo de “embelezamento” se à custa do aumento das desigualdades sociais, da expulsão da população pobre para as áreas mais afastadas do centro urbano, entre outros. Há que se ressaltar que o “bota abaixo” foi um processo de marginalização das camadas menos favorecidas da sociedade carioca. Bilac ressalta que a forma como as reivindicações foram feitas eram grosseiras e desorganizadas, o que faz com que essas reivindicações percam a sua legitimidade perante o “poder público” que apenas trata o movimento como mais um “caso de polícia”, ou seja, utiliza-se de força policial para reprimir e silenciar o povo. Sobre isso Brito Broca escreveu que

... os requintes da civilização, prevalecendo na parte urbana da metrópole, iam fazendo naturalmente com que os velhos costumes recuassem para a zona suburbana. Começaria a acentuar-se um certo antagonismo entre a ‘cidade’, os bairros aristocráticos, de gente fina, dos supercivilizados, e o subúrbio com sua pequena burguesia, de costumes simples - antagonismo de que a obra de Lima Barreto constituiria uma admirável ilustração. (BROCA, 1956, p. 5-6)

Entende-se, a partir das palavras de Broca (1956) que as reformas ocorridas na cidade do Rio de Janeiro evidenciaram uma crescente sociedade burguesa que ascendia em detrimento de uma sociedade que passava a viver à margem, nas periferias. O autor destaca também que nesse mesmo subúrbio surge uma pequena burguesia, de costumes simples, porém com uma condição financeira melhor do que a grande maioria que ali passara a viver.

Em contra partida, Broca destaca que os conflitos sociais que surgiram a partir das reformas em andamento na cidade foram importantes emblemas que contribuiriam, mais tarde, para a compreensão e percepção da forma que a sociedade reagiu às políticas públicas governamentais implementadas.

Hardman (2006) abordou em seus estudos a existência de duas polaridades convivendo no período das reformas. Duas polaridades que, segundo o autor, colocam em contraponto duas visões de mundo distintas. Essas imagens apontadas pelo autor aparecem de forma contundente nas imagens satíricas das charges impressas nos jornais da época. Nas palavras do autor

... de um lado, um polo *enfórico-diurno-iluminista*, lugar da adesão plena e incontida aos valores próprios da civilização técnica industrial [...] responsável pela produção de certas utopias tecnológicas futuristas; e de outro lado [...] um polo *melancólico-noturno-romântico*, lugar por excelência da rejeição, às vezes sob o signo da revolta, [...] do mundo fabricado nas fornalhas da revolução industrial, figurando imagens emblemáticas de máquinas satânicas e criaturas monstruosas [...] de tradição anticapitalista e anticivilização moderna própria do romantismo. (HARDMAN, 2006, p. 292)

As duas faces da mesma moeda da Belle Époque colocam em evidência, mais uma vez, as reivindicações populares, seja por saudosismo e medo do futuro, seja por não aceitarem os processos de marginalização da população pobre da cidade. Compreende-se que sempre havia quem resistisse

ao processo de modernização da Belle Époque. Para esses, como já destacado artigo anteriormente, havia “grave castigo” por se colocarem avessos à ordem vigente. Sem dúvida, o mais cruel desdobramento da Revolta da Vacina foram os destierros para o Acre. A imprensa carioca trouxe cotidianamente crônicas que deram conta da prisão e do embarque de revoltosos e não revoltosos.

No recorte abaixo é possível destacar na forma de charge a representação do “medo” das deportações, entre outras consequências para aqueles que eram “capturados” em reivindicações contra o processo de modernização em andamento na cidade do Rio de Janeiro. A charge traz o título “Pitadas de juízo” como forma de, indiretamente, dizer que quem tivesse juízo não ousaria participar de tais atos. Ainda nessa charge, nota-se o tom de comicidade que tentam transpassar para o leitor.



(O Malho, nº116, p. 28)

Ressalte-se que as charges publicadas sobre o assunto abordavam o tema de forma risível, conforme mencionado anteriormente.

Considerações finais

O presente trabalho buscou evidenciar alguns aspectos da Revolta da Vacina no cenário jornalístico, bem como seus desdobramentos no cenário social e político da sociedade brasileira.

O resgate de registros dos periódicos da época, demonstram que para além de lutar contra a obrigatoriedade da vacinação, a população se revoltou contra a política higienista de Pereira Passos que consistia numa “limpeza” social das regiões centrais da cidade, equiparando a capital federal com as modernas cidades da Europa.

A reforma urbana do Rio de Janeiro consistiu na derrubada de moradias que, por consequência, gerou um intenso e grave desdobramento: inúmeros desabrigados que passariam a viver à margem da margem da sociedade. A falta de um projeto urbanístico que contemplasse a todos os moradores da cidade fez com que grande parte dos moradores da cidade fosse retirada de suas casas, sem ter para onde ir.

A Revolta da Vacina, um dos desdobramentos das reformas de Pereira Passos, ganhou algum destaque no cenário jornalístico por marcar o conflito entre a população insatisfeita com as políticas e reformas propostas. A Revolta foi muito importante para entender o cenário em que se desenhou a Belle Époque carioca, espaço que se destacou pelo intenso movimento em busca de uma modernidade que, ao mesmo tempo, produziu um imenso hiato entre as camadas sociais da cidade.

O período que compreende a Revolta da Vacina foi marcado por conflitos que deixaram muitas mortes e feridos, além de desaparecidos e centenas de deportações para o Acre, território então recém-anexado ao Brasil. A saúde pública foi tratada como um caso de polícia, a população sofreu dura repressão por reivindicar melhores condições de vida, trabalho e moradia.

Os jornais da época trataram o caso como coisa de “arruaceiros” que desejavam desestabilizar a ordem, e com isso, legitimaram a intensa e violenta repressão policial para com os revoltosos. Alguns deslegitimaram as reivindicações da população, ao classificar a revolta apenas pela recusa à vacinação compulsória, camuflando o que acontecia em seu interior.

Ainda há muito a ser estudado sobre esse tema, visto que aqui só foram elencados alguns pontos importantes decorrentes da leitura de alguns periódicos da época. Destacando a importância de se fazer levantamento aprofundado sobre o trabalho de Osvaldo Cruz e o processo de sanitização da cidade, a fim de compreender melhor as questões sanitárias do país e suas raízes.

Alguns desdobramentos das Revoltas também se apresentam como importantes questões para debate estudo, dentre eles as mortes, desaparecimentos, a vida no Acre.

Entende-se, portanto, que o presente artigo marca o início de um processo de estudo historiográfico sobre a imprensa brasileira e, também, sobre como a vida impacta a literatura e as artes.

Referências

- BERMAN, Marshall. Introdução: Modernidade - ontem, hoje, amanhã. In: _____. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil 1900**. São Paulo: Mec, 1956.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CRESPO, Daniele dos Reis. **O cotidiano da repressão policial no Rio de Janeiro da Belle Époque (1902-1906)**. In: Anais do I Colóquio do LAHES (Laboratório de História Econômica e

Social – UFJF). Juiz de Fora. Disponível em <http://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c1-a15.pdf> Acesso em 18/01/2020.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros, Lima Barreto: o intelectual, a cidade e a nação. In: _____. **Belle Époque**: efeitos e significações. Rio de Janeiro. Abralic. 2018, p. 146. Disponível em <http://www.abralic.org.br/downloads/e-books/e-book05.pdf>. Acesso em 02/02/2020

GUEDES, Carla Ribeiro. A Saúde Pública no início do século XX no Rio de Janeiro: intervenções de Oswaldo Cruz. In: PINHEIRO, Luís da Cunha e RODRIGUES, Maria Manuel Marques. _____. **A Belle Époque Brasileira**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012, p. 65. Disponível em https://issuu.com/clepul/docs/belle_epoque_brasileira Acesso em 02/02/2020

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: A vingança da Hileia. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NASCIMENTO, Luciana Marino. Outras faces da belle Époque: crônicas da Revolta da Vacina. In: **Todas as Letras**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 95-109, nov. 2014 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v16n2p95-109>

Acesso em: 02/02/2020

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras., 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Francisco Bento da. **Acre, a “pátria dos proscritos”**: prisões e destierros para as regiões do Acre em 1904 e 1910. Curitiba: Universidade Federal do Paraná/UFPR, 2010. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Disponível em

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25502/Tese%20em%20PDF%20-%20Francisco%20Bento.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em 10/12/2019.

VAZ, Arthur Emílio Alarcon. A importância da divulgação de fontes primárias na internet. In: ____; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Literatura em revista (e jornal)**. Periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Pos-Lit; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005. p. 9-26.

Periódicos consultados

GAZETA DE NOTÍCIAS. 1904/1905. Números 103, 104, 106, 325. Periódico Per 103730_1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

O MALHO. 3 dez. 1904. Número 116, Per. 116300_1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

O PAIZ. 13 nov. 1904. Número 104, Per.104450_1904 Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

REVISTA KOSMOS. Nov. 1904. Números 117, 146, Per. 0668000_1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.